

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

118)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 3, 1839)



O CASTRIOTO LUSITANO.

JOÃO FERNANDES VIEIRA.

João Fernandes Vieira foi na empreza
O instrumento da patria liberdade

.....
E como a pedra a estatua de Nabuco
O belga derrubou de Pernambuco.

CARAMURU', CANT. 9.º EST. 40.

A SUJEIÇÃO de Portugal ao jugo castelhana, além de reduzir os portuguezes ao estado de colonos, e de os obrigar a soffrer e reprimir as hostilidades das nações que estavam em guerra com Castella, acarretou consigo a perda dos nossos melhores estabelecimentos da India e a invasão de varios pontos d'America. O Brasil não escapou á cobiça dos inglezes; porém Cavendish e Lancaster apenas serão classificados e tidos na historia imparcial por simples piratas. Os francezes, que por esta occa-

VOL. III.

sião alli voltaram sob De la Ravardière e seus companheiros, não foram mais felizes do que no seculo anterior: Jeronymo d'Albuquerque lhes fez conhecer pelas armas, que o territorio era de portuguezes, embora aparentemente sujeitos a Castella. — Os hollandezes começavam com pertensões de ser uma nação maritima, e lembraram-se de se estender para o Occidente, aproveitando-se do desprezo com que Castella tractava a America Portugueza, para que tendo alli segura base de operações podessem, por ventura depois chegar a apossar-se das riquezas do Perú: apoderaram-se da Bahia, que era a capital, porém, sendo daqui expulsos á força (1), dirigiram-se ás capitancias de Parahyba, Pernambuco, e Rio Grande do Norte, as quaes conseguiram senhorear, apesar da muita resistencia opposta pelo valente Mathias de Albuquerque, que teve em paga o ser

(*) Para esta jornada da Bahia se contrafu em Portugal um grande emprestimo, que ainda se está pagando; e é uma divida sagrada.

rendido, e voltar para a Europa a receber a recompensa ingrata de dominadores faltos de fé. — Nesta guerra de resistencia ao jugo hollandez appareceu um joven Leonidas intrepido, sustentando-se por seis dias no forte de S. Jorge com trinta e sete defensores contra os esforços de um exercito de quatro mil homens. — Este joven, como destinado para ser um dia o restaurador de Pernambuco e um dos mais valentes generaes do seu seculo, era João Fernandes Vieira, chamado por antonomasia pelo chronista dos seus feitos, o *Catriôto Lusitano*, comparando-o ao *Catriôto* que militou no Epiro contra os turcos, muito conhecido por suas façanhas pela *Chronica dellas*, traduzida do latim pelo chronista do reino Francisco de Andrada, e impressa em Lisboa em 1576.

Nascéra João Fernandes Vieira em 1613: daremos a biographia deste celebre portuguez insulano, que faz honra á ilha da Madeira, tendo por fim apresentar aos leitores do Panorama um modelo de valor civico, e bosquejar uma epocha de acontecimentos assombrosos, e até dramaticos, da Historia do Brasil.

A força das circumstancias e o valor portuguez tinham feito sacudir o jugo de Castella, e elevado ao throno D. João 4.^o: o fogo electrico que animava a metropole se communicou por influencia e por contacto a todos os corações portuguezes; os brados do Tejo e do Douro ressoaram do Amazonas ao Da-Prata, e João Fernandes Vieira os fez repercutir com gloria em Pernambuco.

Foi em 1644 que se travou a conspiração, e Vieira foi aclamado chefe dos restauradores: havia pouco tempo que se casára com D. Maria Cezar, filha de Francisco Berenguer d'Andrada, e estava bem estabelecido, e tão abastado que não se póde dizer que foi destes aventureiros que se atiram ás revoluções para pescarem em aguas turvas: — em Vieira tudo era amor da patria. “Quando saiu a campo, diz o seu historiador, era casado de um anno; mais que nenhum outro estimado do flamengo e respeitado dos naturaes: servido de 1500 escravos e criados; acompanhado de 150 homens de sua casa e guarda: na sua estrebaria sustentava 22 cavallos e outros tantos mouros para curarem delles” &c. — Também não foi o desejo de ganho, pois, pelo contrario, diz o mesmo escriptor que gastou de seu 600 \$ cruzados, afóra talvez outro tanto que perdeu em bens moveis e fazendas, com o andar foragido e com risco de vida. —

Toca-se a rebate e Vieira só contava 130 no seu partido: para atraír maior numero, mandou deitar bando que ficariam livres e forros, com pagas e todas as considerações militares, os escravos que se viessem alistar ás suas bandeiras. É bem de ver que esta medida, dictada naquella occasião pela politica, devia assalariar á sua parte até os escravos não descontentes, porque como homens presavam a sua liberdade. Os hollandezes arrecearam-se do perigo, que viam imminente, e propozeram-se a comprar Vieira por duzentos mil cruzados. Este intrepido campeão replicou “Que não vendia a honra de castigar tirannos por tão baixo preço:” — resposta heroica, e que oxalá tivera em identicas occasiões tido imitadores.

Logo depois, em 13 de Julho de 1645, publicaram os do supremo conselho dos hollandezes uma pragmatica em que davam promessa de perdão aos rebellados, que voltassem aos seus lares. — Em contraposição a esta pragmatica Vieira, intitulado-se *Primeiro Acclamador da Liberdade e Governador das Armas na restauração e restituição de Pernam-*

bucó ao seu legitimo senhor, fez afixar nos logares publicos do Arrecife outra, datada de 24 do mesmo mez, em que declarava rebeldes todos os nacionaes que não sentassem praça em quatro dias; e affiançava aos judeus e estrangeiros, que o fizessem, o serem embolçados para o futuro de tudo quanto fossem credores á companhia hollandeza, e de serem indemnizados todos de perdas e damnos, — terminando “Que se não deixassem enganar das apparentes confianças e falsas promessas do fementido hollandez.” — Este edital assanhou por tal modo os do supremo conselho, que immediatamente retorquiram com outro, promettendo quatro mil florins pela cabeça daquelle tão destemido chefe. — Vieira, com toda a sagacidade, não querendo ter contra si as armas da cobiça, treplica, publicando novo pregão, em que promette oito mil florins pela cabeça de qualquer dos membros do conselho; e a estes escreve uma carta arguindo-os com desenfado do aviltamento a que tinham chegado, e lhes declara que se não cançassem em o procurar haver á mão por meios infames; porquanto elle estava na tenção de os ir visitar honrosamente e de cara descuberta, acompanhado de quatorze soldados brancos, e de vinte e quatro indios e negros. Esta resposta, com quanto falsa e ardilosa, os atemorizou por extremo, sendo a verdade que elle só então tinha 250 brancos e 30 negros Minas, e só em Maciape é que se lhe junctaram oitocentos homens, que armou como poude de espingardas, chuças, páus tostados, &c., aos quaes manteve á sua custa por espaço de tres mezes.

Já, em pequenas escaramuças contra os comboios, o nosso pequeno exercito, com o seu Vieira á frente, busca occasiões de se distinguir e mostrar qual é o quilate do seu valor. Com 1200 portuguezes, e cem indios e negros, foram esperar os hollandezes, que, temendo o soccorro, apressavam o ataque, fortificando-se no Monte das *Tabocas* (2), onde os derrotaram por duas vezes, que por elles foram attados. Este primeiro trofeo de Vieira foi levantado á custa de vinte e oito mortos e trinta e sete feridos.

Passados poucos dias se encontrou Vieira, com mais tres chefes, cada qual de sua côr, que o vieram reforçar e tomar com elle parte na gloria de restituirem de novo a Portugal um estado que devia reputar perdido: o indio D. Antonio Philippe Camarão, [que por seu valor e illustres feitos, mereceu o habito de Christo e o titulo de dom] oriundo das antigas hordas de indigenas, — caprichoso a tal extremo, que sabendo bem o hollandez não o falla, porque teme expressar-se na lingua dos dominadores com pouca nobreza: o preto Henrique Dias, que, com a valentia propria de um *cidadão africano*, em certa occasião que ficou maneta se lançou ao combate empunhando a arma com a outra mão, e que mereceu o ficarem apelidados do seu nome os regimentos de pretos do Brasil para memoriar os feitos dos que commandava: finalmente, o prudente e avisado mestre de campo André Vidal de Negreiros, que, vindo com instrucções de apasiguar a revolta, soube tirar o partido da commissão e pôr-se á frente dos revoltados. Vieira, quando lhe ordenaram, com toda a formalidade, que devia cessar com as hostilidades, respondeu “Que elle iria receber do seu soberano o premio da sua desobediencia, quando lhe houvesse legado o melhor patrimonio da sua coroa.” — A Vieira toca sem duvida todo o merecimento pela sua firmeza; é claro que o começo da guerra, que elle encaminhou, exigia gran-

(2) Provém este nome da especie de canas bravias, rodoadas de puas mui solidas e penetrantes, que no Brasil chamam *tabocas*. — Vid. Bluteau e Moraes.

de assiduidade, perseverança, talento e animo: era forçoso exalçar o espirito descoroado d'uns, disfarçar a opposição que encontrava d'outros e até da metropole, esquecer injurias, calumnias e traições, e obtendo da Bahia apenas socorros escassos, viu-se sempre este homem forte communicar aos animos de cada um a esperança, que o animava. —

Comtudo depois da junção de Vidal a guerra tomou um character mais sério: a Hollanda não enviava socorros aos seus; Hoogstrate, commandante do forte da Nazareth, o entrega aos insurgentes pela somma de 18 \$ 000 escudos; Porto-Calvo não pôde resistir ao bravo Christovão Cavalcante; Sigismundo derrotado se recolhe ao Arrecife, formando idéa mais temivel dos inimigos contra quem combate. Tinham-se tomado “nove fortalezas com outros reductos e casas fortes, e em uns e n'outras perto de oitenta peças de artilheria de diversos calibres, a maior parte de bronze, e a este respeito armas, munições e petrechos de guerra, em tanta quantidade quanta bastou para sustentar a guerra viva cinco annos continuos: no decurso delles libertaram da sujeição hollandeza 180 leguas de campanha, que se contam do Seará-Mirim até ao Rio de S. Francisco.”

— No principio de Julho de 1646 tres mamelucos comprados fizeram uma espera a Vieira; e das tres espingardas só uma tomou fogo, e a balla passou-lhe o hombro, porém felizmente sem perigo. Vieira correu com a espada sobre os aggressores, e apanhou um, que pagou cara a traição. —

Os hollandezes, vendo que nada conseguiam pela força, cuidaram de prometer outra amnistia: foi assignada a 2 de Abril de 1648 e enviada aos chefes revolucionarios, os quaes todos responderam como era de esperar do seu character firme, corroborado pelas vantagens já obtidas na sorte das armas.

Na occasião em que de Hollanda chegavam muitos reforços moraes e physicos lembrou-se Portugal de os imitar: o valoroso Francisco Barreto de Menezes é enviado em socorro; e Vieira de bom grado cede da auctoridade, para a depositar em mãos que reputa mais habeis e mais poderosas. Barreto soube avaliar o merito de Vieira, e do seu valor tirou todo o partido, bem depressa, na batalha de *Guararapes*, que se deu logo depois. Sete mil e quatrocentos hollandezes saíam do Arrecife para a Barreta com intenções de ir occupar Moribeca, quando os libertadores, reunidos em conselho decidem que se dê batalha: as montanhas de *Guararapes* lhes serviram de campo: Vieira rompe o inimigo com risco de vida; ganha parte da artilheria, e faz render-se um esquadrão inimigo: e á custa de 47 mortos e 160 feridos alcançaram os nossos uma grande victoria, sendo o general inimigo ferido.

A guerra durava já havia sete annos, e podia continuar a progredir, visto que os hollandezes estavam senhores do mar, quando chegou a esquadra portugueza destinada a comboiar os navios de commercio á Europa: á força de rogativas conseguiu Barreto do commandante a promessa de o coadjuvar no ataque do Arrecife, que logo foi projectado nos principios de 1654. Vieira dá novas provas brilhantes do seu valor e decisão: as fortalezas de Rego e Altenar lhe caíram nas mãos: aperta-se o cerco da fortaleza das *Cinco-Pontas*, que é tomada, e os sitiados estão ás portas das muralhas da cidade ameaçada. O povo clama por capitulações: o valente Sigismundo quer resistir; porém juneta-se o conselho e decide-se capitular. A 26 de Janeiro o porto do Arrecife e a cidade d'Olinda [chamada por elles *Mauricia* em honra de Mauricio de Nassau a quem Pernambuco muito deve] são entregues ao general Bar-

reto, assignando-se 16 artigos civis e 14 militares, tendo por fim proteger os commerciantes hollandezes que ficassem, e salvar o decoro militar.

João Fernandes Vieira veio pouco tempo depois a elrei D. João 4.^o pedir a paga da sua *desobediencia*: elrei recebeu como cumpria a tão honrado e fiel vassallo; e em paga de seus serviços, ou talvez porque reconhecesse necessaria em Angola a presença deste terror dos hollandezes, o nomeou governador e capitão general deste reino para onde logo partiu, e tomou posse do seu novo governo a 13 d'Abril de 1653. Não encontrou já alli hollandezes para combater; porém tinha outra qualidade de inimigos; — teve que guerrear varios *sovas*, que estavam levantados, no que foi bem succedido; tambem perseguiu quanto pôde os corsarios e contrabandistas de varias nações que infestavam o littoral da Africa occidental. Acabou com excessivo trabalho e poucas despezas a fortaleza de Sancto Amaro, e ordenou ao capitão de Benguella que levantasse a do Presidio.

Vieira com vistas zelosas de estabelecer regulamentos e determinar providencias a favor da saude publica, constando-lhe que um dos focos das doencas em Loanda era a immundicie causada pelos porcos soltos, ordenou que não fosse consentido que estes continuassem a andar pelas ruas, e acrescentou, para melhor assegurar a execução da ordem, que no caso de transgressão os soldados os poderiam matar, sem excepção, quando apparecessem. Feliz ou infelizmente ía a cair a sentença em dois porcos dos jesuitas, quando os escravos destes, querendo fazer opposição aos soldados, que cumpriam o seu dever em executar as ordens, travaram com elles de modo que feriram tres: foram por isto presos tres escravos, do que os jesuitas se deram logo por offendidos a ponto de fazerem inquirir, dentro do seu collegio, testemunhas, e por fim fulminarem temerariamente sentença de excomunhão *contra os mandantes e exequentes*. Vieira representou fortemente a elrei contra tal attentado, e foi attendido a ponto de se ordenar em carta regia ao seu successor que attendendo ao que Vieira lhe fizera presente mandasse averiguar, “se do atrevimento e resistencia dos negros se tinha tirado devassa, e quando não, a mandasse logo tirar, e castigar os delinquentes no numero que parecesse necessario; que por um escrivão mandasse declarar aos jesuitas, lhes estranhava muito semelhante procedimento, e que lhe advertisse que se outra vez, em qualquer parte de seu reino e conquistas, commettessem semelhantes excessos, os haveria por privados de tudo que possuíam de sua corôa, e se procederia contra elles com as mais pennas da ordenação.” = Foi Vieira rendido a 10 de Maio de 1661, e voltou ao reino, onde foi estimado e honrado. Pertenceu ao Conselho de Guerra; foi alcaide-mór de Pinhel, commendador de S. Pedro de Torrado e Sancta Eugenia da Ala, na ordem de Christo. Elrei D. Pedro 2.^o o denominava *Heroe da sua idade*, e o papa Innocencio X, em 1655, o honrara com o titulo de *Restaurador da Igreja Americana*. A sua vida, até a restauração de Pernambuco, corre impressa em pezado e affectado estylo por Fr. Rafael de Jesus, que lh'a offereceu em 1676, e se imprimiu em 1679; donde concluímos que o celebre *Castriôto Luzitano* morreu já sexagenario. — Sobre os acontecimentos desta guerra se imprimiram tambem naquelle tempo, sem logar nem anno de impressão, alguns documentos em um folheto de 20 paginas, em tal estylo, que não se pode chamar portuguez, nem castelhano nem italiano, pois tem palavras de todas estas linguas: o seu titulo é = *Successo della, guer-*

ra de Portuguezes Levantados em Pernambuco contra Olandezes, como por carta del' Maestro a Campo Martino Soarez, Et Andrea Vidal de Negreiros, por Antonio Telles de Silva El Anno 1646.—

NOTICIA DA INFANTA D. BRANCA FILHA
DE ELREI D. AFFONSO 3.^o

ESTA senhora merece particular memoria na historia de Portugal, não só pela sua pessoa e qualidades, mas também porque alguns escriptores castelhanos ignoraram de todo a sua filiação, como adverte Florez, nas *Memor. de las Reyn. Cathol.*; e os nossos proprios Portuguezes também não tiveram della noticias circumstanciadas e bem exactas.

A infanta D. Branca foi filha de elRei D. Affonso 3.^o, havida na Rainha D. Beatriz, e foi o primeiro fructo do casamento destes principes. Nasceu na villa de Guimarães a 25 de Fevereiro do anno de 1259 [era de 1297] segundo a nota da *chron. Conimbricense*, alias, *Livro da Nôa de Santa Cruz de Coimbra*: e era ella, e seu irmão D. Diniz os dous unicos filhos que tinham nascido, e existiam no an. de 1262, quando, por morte da condessa de Bolonha Mathilde, os prelados do reino supplicaram ao Papa a revalidação do matrimonio d'elRei, e a legitimação dos filhos que já tinha da Rainha "*ex qua [diziam os prelados] jam geminam prolem nascitur suscepisse.*"

ElRei D. Affonso mostrou grande gosto por este nascimento; ou fosse pelo amor que tinha á Rainha, e pelo natural desejo de ver firmada a sua real descendencia, ou fosse acaso por algum receio que tivesse tido da infecundidade da Rainha, visto se haverem já passado mais de cinco annos depois do casamento, e tres, pelo menos, da puberdade daquella senhora, sem delles haver successão.

O certo he, que passado menos de hum mez do nascimento da infanta, fazendo elRei huma doação ao prior e convento de S. Jorge, em data de 20 de Março de 1259, e dizendo nella, segundo o formulario d'aquelles tempos, que a faz *para remedio da sua alma, e das de seus pais*, acrescenta logo estas insolitas e encarecidas clausulas, que não temos achado em outro semelhante documento "*e para que o Senhor, por sua grande misericordia, dê vida dilatada a minha filha a infanta D. Branca, e a proteja e defenda por longos annos*" et quod Dominus, per sanctam suam misericordiam det vitam longevam mee filie infante domne Blanche, et protegat, et defendat eam per tempora longiora" [R. Archiv. liv. 1 de Doações de D. Affonso 3.^o a folh. 39].

He de crer que elRei, como tão prudente e avisado que era, tratasse com grande zelo da boa educação desta filha, assim como sabemos que tratou, mais depois, da do seu primogenito varão: mas nada podemos individuar a este respeito, porque nos faltam as luzes de antigas memorias, e foi frustrada toda a diligencia que fizemos para as alcançar.

Andando a infanta nos dezanove annos da sua idade, as religiosas do mosteiro de Lorvão, por carta de 28 de Dezembro de 1277, a receberam por *Senhora, do mesmo modo que o fôra a Rainha D. Tereza*: e elRei confirmou esta escolha por outra carta sua de 3 de Janeiro do an. seg. de 1278, concedendo-lhe mais, durante a vida della infanta, tudo quanto a elle pertencia, como padroeiro do mosteiro (*Dissert. Chronol. e Crit. tom. 5. pag. 344*).

Os nossos escriptores dizem communmente que D. Branca fôra *religiosa* de Lorvão, e dão-lhe o ti-

tulo de *abbadessa* daquella caza: mas ambas estas denominações são improprias, maiormente se as entendermos na rigorosa significação actual dos vocabulos. Aquellas chamadas *Senhoras* eram verdadeiramente *defensoras, guardadoras, e protectoras* do mosteiro e dos seus bens, honras e regalias, á maneira das que também tinha o celebre convento das Olgas de Burgos, de que logo falaremos. Nós lhes poderíamos dar, com menos impropriedade, o nome de *Commendatarias*, postoque também este não corresponda exactamente ao objecto que se quer exprimir.

Em 1282 foi a infanta D. Branca para Sevilha em companhia de sua mãe a Rainha D. Beatriz, quando esta senhora, movida de amor, piedade, e gratidão verdadeiramente filial, e digna de huma alma nobre, sahio de Portugal com o intento de hir assistir, soccorrer, e consolar a seu pai elRei D. Affonso 10.^o nos infortunios e desditas, que então estava suportando, e que encheram de amargura os ultimos annos da sua, alias gloriosa, vida.

Depois da morte deste sabio, e pouco afortunado principe, acontecida em 1284, a infanta D. Branca, sua neta, *continuou* [diz hum chronista antigo] *a viver em Castella, aonde tinha rico patrimonio*, que lhe deixou em testamento o liberal e agradecido monarca.

Em 1287, padecendo a infanta huma grave enfermidade, recorreo á protecção do Senhor Jesus, debaixo da imagem do santo Crucifixo, que se venerava em Burgos na igreja do convento de santo Agostinho. E como recobrasse a saude, e fosse render graças ao Senhor n'aquella propria igreja, notando a estreiteza della, comprou logo terreno, em que o convento podesse alargar-se, e lho doou com licença e beneplacito de elRei D. Sancho 4.^o, que no seu diploma a nomêa *infanta D. Branca, minha sobrinha, filha de elRei de Portugal*. [*Florez de las Reynas Cathol.*, e na *España Sagr. tom. 27.*, aonde trata dos conventos de Burgos].

Já acima nomeamos o grande convento de religiosas cistercienses, chamado das Olgas (*de las Huelgas*) de Burgos. Esta caza, além das abbadessas, que eram propriamente as preladas regulares, tinha, desde os mais antigos tempos da sua fundação, por *Senhoras* [que também se chamavam *Maiores, Defensoras, ou Guardadoras*] algumas infantas, as quaes outorgavam e assignavam as escripturas sobre os bens e rendas com as abbadessas, mas sempre depois dellas, e tinham influencia e voto no que dizia respeito á administração e governo das temporalidades, como mostra Florez, e se vê da escriptura do anno de 1305 por elle citada, na qual diz elRei D. Fernando 4.^o "*que a abbadessa e convento pediram aos Reis, que lhes dessem huma infanta para Mayor, e Senhora, Guardadora do lugar, por reverencia da qual fossem mais bem guardados seus bens; e que os Reis costumavam outorgar-lho assim para mais emnobrecer a caza, &cet.*"

Desejando pois aquella Real Comunidade, que a infanta D. Branca a honrasse, tomando o referido titulo, implorou para este fim o valimento de elRei D. Sancho 4.^o, tio da infanta, o qual se empenhou com effeito em persuadi-la a aceitar o cargo: e finalmente, depois de vencida alguma repugnancia que ella mostrou ao principio, obteve o seu consentimento no anno de 1295, como se vê da carta que a esse respeito escreveo á comunidade, e que por ser breve aqui copiamos em portuguez. Diz assim:

"Sabei que nós, por vos fazer mercê e honra, e a vosso pedimento, e porque nos fizestes entender,

“que vos cumpria, e vos fazia mister, rogamos á
 “infanta D. Branca, nossa sobrinha, que quisesse
 “ser monja desse mosteiro, e tomar o senhorio des-
 “se lugar, e commenda e guarda de tudo o que he
 “vosso. E como quer que até aqui ella o não quiz
 “fazer; agora comtudo, porque sua vontade he aso-
 “cegar a sua fazenda e vida, entrando em Ordem,
 “e porque nós lhe instamos que escolhesse essa vos-
 “sa Ordem e esse mosteiro, antes que qualquer ou-
 “tro, ella no-lo outorgou: e nós, com vossa vanta-
 “de, demos-lho. E porêem vos mandamos, e roga-
 “mos que a recebaes como deveis, e lhe façaes honra
 “e serviço, e o que lhe pertence, como a quem ella
 “he, e conforme ao devido que comnosco tem, e
 “segundo fizestes ás outras infantas, que ahi estive-
 “ram até aqui. E por ella vos faremos nós muito
 “bem, e muita mercê. E tal he a infanta, que
 “sempre falareis nella bem, e como deveis falar.
 “Dada em Toledo 15 dias de Abril era 1333 an-
 “nos” [de Christo 1295].

Desde este anno fez a infanta a sua residencia n'aquella caza, e ahi parece que mandou compôr pelo Rabbi Abner, judeo convertido, o *Livro das Batalhas de Deos*, que se diz escripto por mandado da infanta D. Branca, Senhora do mosteiro das *Holgas de Burgos*, o qual depois foi traduzido do hebreo em castelhano por *Mestre Affonso*, tambem de seu mandado. O que nos dá alguma prova do seu zelo e piedade, e tambem da affeição e amor que tinha ás letras.

Na mesma caza diz Rui de Pina que a infanta recolhera algumas filhas do infante D. Affonso de Portugal, seu irmão.

No anno de 1316 doou ao arcediago e cabido de Briviesca, que era villa sua, 500 maravedis de renda annual, imposta sobre o concelho da villa, por indemnisação do que o cabido perdera pela despoção de hum bairro, cujos habitantes, por ordem

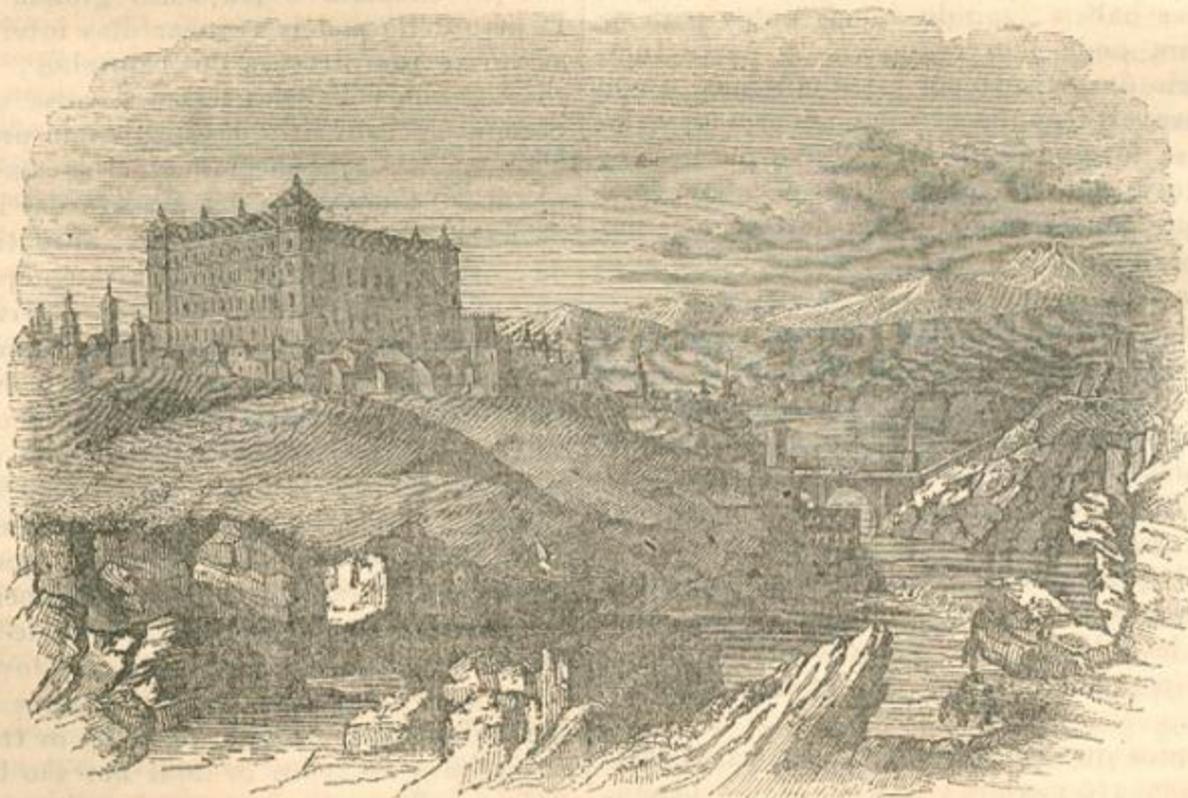
da infanta, se passaram á villa situada além do rio. Esta villa deixou ella por testamento a elRei de Castella.

O testamento foi datado das *Holgas de Burgos*, a 15 de Abril, an. de 1321. A infanta falleceo dous dias depois. As religiosas lhe fizeram, no seu denominado *martyrologio*, [Livro dos Obitos] hum grande elogio, que basta para caracterisar as virtudes da illustre princeza “*Nobilissima* [diz o assento] *ac illustrissima humilis ancilla christi, et infantissa domina Blanca, serinissimi regis Portugaliae filia, quae fuit columna degentium, necnon totius Ordinis Cisterciensium sustentaculum, cujus interitu languescit hoc coenobium. Era 1359.*” [an. de Chr. 1321].

Taes são as noticias authenticas, que achamos da infanta D. Branca. Rui de Pina, na chron. de elRei D. Affonso 3.^o, acrescenta que ella foi *senhora de Monte-mór o velho* por doação de seu pai, que ainda em seu testamento a contemplou com o legado de 10:000 libras; que tambem foi *senhora de Campo-maior* por doação de elRei D. Diniz, seu irmão; e finalmente que elRei seu avô lhe deixara por testamento *muito dinheiro*.

Enganaram-se [como acabamos de ver] os escriptores que disseram, que a infanta fôra *sepultada, e estava em Lorvão*: e enganou-se ainda mais notavelmente o P.^o Pereira, quando escreveu [nos *Elogios dos Reis*] que *D. Constança, filha de elRei D. Affonso 3.^o, depois de ter sido em Portugal abbadeça do mosteiro de Lorvão, o foi ser em Castella no mosteiro das Helgas de Burgos, onde deo illustres exemplos de religião, e de Santidade.*” Enganou-se muito provavelmente em dar o nome de *Constança* a huma das filhas de elRei D. Affonso 3.^o; e enganou-se certamente em dizer, que ella fôra *abbadessa de Lorvão e das Huelgas* [e não *Helgas*], que foram senhorios de Dona Branca.

B. C.



O ALCÁZAR DE TOLEDO.

TOLEDO é das mais antigas e celebres cidades de Hespanha: até ao presente tem sido a igreja primaz do reino, e nella se celebraram muitos concilios que com suas decisões estabeleceram a disciplina ecclesiastica. Foi capital no dominio dos godos, depois no dos arabes, e em tempos mais modernos foi, desde 1085, residencia dos reis de Castella. Es-

tá situada n'uma grande altura quasi cercada pelo Tejo, para onde teem despejo todas as sentinas, imundicias, e aguas de chuva, de fórma que as ruas estão sempre limpas, gerando nos habitantes um amor ao aceio, que não ha povo em Hespanha que exceda em limpeza as casas de Toledo. Prova-se que esta cidade fôra antigamente mui povoada, pelo es-

treito das ruas, pelo apinhado das casas, e pelos montões de ladrilhos e telhas, que occupam metade della, e que são restos de edificios e até de bairros arruinados: era uma cidade esplendida e religiosa, como attestam numerosos templos, e além da famosa cathedral vinte e sete freguezias: no tempo dos califas orgava a população por 200:000 almas, hoje contará apenas 26:000, occupando as igrejas e conventos metade do recinto povoado. Esta decadencia procedeu de muitas causas, sendo as essenciaes a fundação de Madrid como capital, a expulsão dos mouros e judeus, e o abatimento de suas fabricas e commercio.

Toledo tem magnificos edificios publicos: o alcaçar, que é dos principaes, não obstante o incendio que o destruiu em parte no principio do seculo passado, attrae ainda a admiração dos viajantes pela magestade do portico, pelo vestibulo, e pela solidez e elegancia de toda a fabrica. Está sobre uma eminencia, a mais alta da cidade, como representa a gravura. O pateo e fachada do norte, que é a principal, são de Covarrubias, e a do meio-dia é de Juan d'Herrera, ambos mui distinctos architectos de Carlos 5.^o A do lado do norte é de singular belleza. A grande escadaria é uma das mais espaçosas e commodas da Europa. Os vastos subterraneos tambem são dignos de menção. Esta residencia real está agora convertida em casa de caridade, e com mais utilidade do publico. As fabricas de telas de seda, que anteriormente tinham florescido em Toledo, chegaram a tempo de quasi desaparecer; mas pelo novo destino deste edificio tornaram a prosperar, havendo agora dentro do alcaçar muitos teares de seda, de lenços, cintas, meias, e outras fazendas, que por sua boa qualidade teem adquirido credito dentro e fóra de Hespanha. O estabelecimento destas fabricas dá occupação e ensino a mais de setecentos pobres, que andariam mendigos pelos povos do arcebispado. Alli estão mantidos e vestidos, aprendendo varios officios debaixo da disciplina de mestres habeis, saindo depois aptos para se accommodarem onde lhes aprouver. A parte inferior do edificio é occupada por estas officinas, e não é menos louvavel a applicação dos andares superiores, aonde se formou uma bibliotheca publica, e museu d' historia natural, com amostras dos marmores mais exquisitos do reino, além das escholas publicas de desenho e das boas-artes mui frequentadas pela gente da cidade.

Outro insigne edificio de Toledo é o hospital de S. João, em sitio excellente, fóra da muralha, defronte da bella porta de Visagra, com uma grandiosa fachada, optimos commodos, e bom gosto de construcção. A piedosa instituição do hospital dos expostos, dito de S.^{ta} Cruz, occupa tambem um edificio especial, de architectura gothica bem acabada.

É de notar que sobre todas as portas de Toledo se lê uma inscripção latina que indica terem sido as muralhas levantadas pelo rei godo, Wamba, o qual tomou particular prazer no aformoseamento desta capital.

Pouco diremos da sé; é das antiquissimas d'Hespanha; em 587 a fez erigir o rei Recaredo. Quando os arabes se apossaram da cidade, converteram esta igreja em mesquita, continuando no culto mahometano, até que D. Affonso 6.^o conquistou Toledo, sendo uma das condições da capitulação que ao mesmo serviço seria destinada para os mouros que vivessem alli sob o dominio dos monarchas castelhanos. Julgaram os clerigos que se não deveria cumprir esta estipulação, e fomentando um alboroto popular, entraram de noite e destruíram quanto per-

tencia ao culto arabe; benzeu o arcebispo o templo, erigiu um altar, e prohibiu a entrada aos infieis. O rei S. Fernando a reedificou em 1240, como hoje se vê, admiravel pela grandeza, solidez, ornatos, e a magnifica torre lateral. Esta cathedral merece ver-se pela copia de obras da arte que encerra, e com que a brindaram as altas dignidades do clero hespanhol.

Baixando pela parte do alcaçar, e passando por uma praça pequena onde ha tres portas, chega-se á porta e ponte de Alcantara. Uma grande inscripção refere os principes arabes que fizeram ou restauraram esta ponte até a reedificação por D. Affonso 10.^o Logo á saída, por baixo d'um arco pequeno, a um lado, ha uma lapida sepulchral romana, com o seguinte letreiro: *Cecilia Metella H. S. E.* A maravilha da ponte [que tambem se vê, como ao longe, em a nossa gravura] consiste em ser d'um só arco de tamanhas dimensões, que por elle passa toda a agua do Tejo: nas margens deste rio está a celebra da fabrica de espadas, cuja singular tempera, se não era um segredo, deveu por certo a fama que tiveram a quacsquer circumstancias locaes.

OS BAZARES E CASAS DE PASTO DE CONSTANTINOPOLA.

LONDRES e Paris, metropoles rivaes na riqueza e magnificencia dos armazens de fazendas, na multiplicidade e variedade das lojas, não teem cousa que se pareça com o bazar grande, ou mercado e feira publica de Constantinopola. Accumulae, na imaginação, todos os bairros onde a industria parisiense e o commercio britannico ostentam as suas producções; junctae-lhe, se tendes visitado a America, os arruamentos de Nova-York, de Boston, e de Philadelphia; e só assim podereis formar idéa da especie de cidade cuberta, a que os habitantes de Stambul (*) chamam o seu bazar grande ou principal. Dentro delle podeis vaguear dias inteiros, seguindo as varias ramificações dos caminhos, e fazendo mil rodeios sem achar-des termo á vossa excursão. Um passeio por este sitio dá muitissimo prazer, mas não é um prazer sem incommodo. Os concurrentes apinham-se, como entre nós á porta das igrejas em dia de festa. Empuxão da direita, encontram da esquerda, ora para diante, ora á carangueja, anda-se no ar, anda-se ao acaso, sem ser possivel regular os passos. D'uma banda acotovellam o inexperto curioso os turnos de mulheres turcas, de chinellinhas amarellas, e veus pela cabeça, que vão abrindo passagem; d'outra banda o abalroa um roliço e nedio escravo, que leva ao collo uma creança; atraz disto aguenta o violento empurrão do *kervas* armado desde o bico dos pés até a grenha, que vae fazendo praça para o transito d'algum carrancudo magistrado. A unica resolução adoptavel neste aperto é, em vez d'alargar as azas, apertar os cotovellos contra o corpo e as mãos sobre as algibeiras, e deixar que as ondas daquella multidão de todos os trajés, de todas as linguas, de todos os lotes nos vão baldeando até onde queriamos ir.

As ruas do bazar são cubertas, na altura de um terceiro andar, com vastos caixilhos de vidraças, que só as chuvas limpam, e que, por isso mesmo, apenas deixam passar uma claridade soturna, proveitosa aos vendedores. Todas as lojas são uniformes, em geral não chegam a ter uma braça de lar-

(*) Constantinopola, antes do imperador Constantino a erigir em capital do imperio romano, tinha o nome de Byzancio; hoje os turcos lhe chamam Stambul.

gura. Em cada uma está o dono, ou caixeiro, assentado de pernas encruzadas em cima d'um mostrador, da altura d'uma cadeira, e daquelle telonio apresenta aos freguezes o que lhe pedem, sem mudar de postura. Por diante destas lojas, ou cubiculos, separadas umas das outras, tão sómente por meio d'insignificantes tabiques, corre uma bancada de madeira a todo o comprimento da rua. O comprador assenta-se no balcão para a turba-multa da rua o não arrastar na torrente, e o vendedor lhe mostra os generos em cima dos joelhos, sem proferir palavra, salvo para dizer o preço das fazendas. Às vezes o sisudo traficante vae fazer a ablução ou lavatorio que o rito lhe prescreve, e desobriga-se de suas rezas e prostrações, sem fazer o minimo caso do comprador, nem da chusma que vae passando.

Em Constantinopola, um frangue [como os turcos chamam aos europeus] não entra n'uma loja sem attraír a attenção publica: se aponta para um lenço bordado, para um bom chale, &c.; ei-lo que o cercam as senhoras turcas d'alta jerarchia sem a menor cerimonia, para verem de perto o objecto que o estrangeiro quer comprar, não mostrando outro receio senão o de deixarem ver a cara que occultam cuidadosamente com as dobras do veu; estas verdadeiras filhas de Eva examinam porfiadamente as fazendas que o frangue regateia, observam-lhe os modos e os movimentos, e se descalça a luva ou puxa pela bolsa, pegam em qualquer destas cousas e as miram muito bem sem pedir licença. Se traz aneis ou collar de ouro pegam da mão ou no collar para verem com todo o seu vagar. Ninguem ha que se exima desta busca ou pesquisa feminil. "Estava um dia [diz um viajante] na *rua dos lenços bordados*, porque cada fazenda tem seu arruamento; chamei um judeu, gente prompta sempre a servir de interprete aos estrangeiros; disse-lhe que me guiasse á melhor loja, e em breve me introduziu n'uma, onde me appresentaram prodigiosa quantidade de bordados dos mais bellos e mimosos labores. Emquanto eu escolhia, uma rapariga esbelta se poz a meu lado, acompanhada por duas escravas. O meu annel de turquezas [joia muito estimada na Turquia] excitou-lhe a curiosidade; travou-me da mão, e depois de mirar e remirar, largou-m'a com indifferença, e seguiu caminho sem abrir boca. Fiz um gesto significativo ao meu judeu, que me retorquiu que este caso nada tinha de particular, ou de extraordinario. Continuei a feirar; e passado um instante eis comigo a voltas a mesma visita, puxou-me pela manga, e quando ía a inclinar-me para o seu lado esfregou-me rapidamente um dedo pela face, olhou depois e retirou-se. Não sabendo que pensasse da familiaridade desta senhora, ignorando se devia corresponder ás suas meiguices, questionei o judeu, que me explicou que a côr nimiamente rubicunda das minhas faces, rara entre os orientaes, provocára suspeitas á dama, que quiz certificar-se se eu punha côr na cara. Estas palavras tranquillizaram a minha imaginação."

No centro do bazar está situado o que chamam *Bezessein*, com quatro portas nos quatro lados, e só patente ao publico desde as 7 da manhã até ao meio dia: é o coração de Constantinopola; é o *fóco do orientalismo*: só ahí se vendem armas e outros objectos de grande preço. Neste sitio é mais alto o tecto, e ha mais obscuridade que nos outros bazares: os mercadores destas lojas são velhos de credito bem firmado. Todo o logar é *picturesco*. Depois de ter-des admirado as espadas de Damasco com riquissimas bainhas e punhos resplandecentes, guardados de pedras preciosas, os punhaes com seus

cabos em que scintillam a esmeralda e o diamante, as espingardas embutidas em nacar, prata e ouro, voltae os olhos para outra galeria. Que aspecto respeitavel o de tantas venerandas cabeças, cubertas de caãs, coroadas pelos turbantes alvos como a neve! São os turcos do *antigo regimen*, os restos poeticos do oriente, os destroços da nação, que Mahmud desfigurou, fazendo-lhe adoptar os usos occidentaes: são os consumidores de opio, que o fumam até a dormir, e que não beberiam vinho ainda quando lh'o ministrassem as formosas *huris* do paraíso musulmano: são os fatalistas que não tomariam o trabalho de se arredarem de um leão furioso, e que duvidam tanto dos milagres de Mafoma como do tamanho do cachimbo por onde fumam. A riqueza das mercadorias, que estes negociantes chãos e abonados vendem, é estupenda; as fazendas mais delicadas alli se encontram, bem como as mais preciosas; e os preços são incomparavelmente mais baratos que na Europa.

O arruamento, ou bazar dos confeitores é tambem esplendido e muitissimo bem provido. Stambul é afamada pelos seus excellentes doces, e não sem razão: os melhores mestres de París alli tomariam lições quanto aos gelados. O assucar-candi não está encerrado em redomas; ergue-se em figura de rochedos ou de columnadas até o tecto das lojas, e brilhando com todas as côres do iris é uma maravilha das *mil e uma noites* realisada, e o preço que custa é outra maravilha: por dois vintens compra-se um pedaço de certa casta mui fina, poeticamente denominada *balsamo peitoral*, de tamanho tal que o maior guloso d'assucar-candi difficilmente vencerá a quarta parte. Se dermos credito aos turcos, as mulheres de Constantinopola quasi que vivem só de doces. Cem mulheres do sultão occupam 500 cosinheiros, e consomem 2:500 libras d'assucar por dia. É esta a maior despeza da cosinha do serralho.

Uma das curiosidades da immensa capital do imperio ottomano, é uma casa de pasto turca. Diz a este respeito certo viajante. — "N'um gyro que fiz com o meu consul aconteceu achar-mo-nos quasi em jejum, ao meio dia, defronte d'uma casa de pasto afamada, sita ao pé do mercado dos escravos. Confesso que á primeira vista não fiquei muito satisfeito, e tive poucas tentações de saciar o appetite em semelhante logar. Um turco rochunchudo, luzindo-lhe a pelle com gordura, de braços arregaçados, estava de pé á porta da casa, e convidava os passageiros batendo com uma enorme faca de cosinha na polpa da perna d'um carneiro já aviado, pendente da banda de fóra. Chegava qualquer curioso; o bom do turco cortava logo uma talhada, partia-a em pedacinhos, e enfiando-os n'um espeto os punha ao lume. É isto o que em Constantinopola chamam *kibods*: o nosso consul, que já estava familiarisado com este guisado, entrou na casa sem hesitar, e eu segui-o. O sebento cosinheiro, mal nos viu, puxou risonho as calças largas, arranjou o cinto, cortou uma boa fatia do carneiro, e apontou-nos para um estrado; aqui nos accommodámos como podémos, cruzando as pernas, e assentando-nos á oriental sobre os calcanhares. As emanções alliciadoras que nos vinham da lareira começavam já a reconciliar-me o estomago com os olhos, quando a vista do prato de estanho cheio dos *kibods* me trouxe nova perplexidade. Os taes bifes de tanta fama vinham a fumegar, cubertos de folhas de salada e pedaços de pão; todavia o cheiro era appetitoso; ferrei dentes no primeiro, o sabor correspondeu ao cheiro, e as minhas preocupações desvaneceram-se completamente. Com effeito, são os *kibods* muito boa comida, mas

para a desfructar é mister besuntar os dedos, porque nas casas de pasto turcas nem garfos nem facas estão em uso. Tascas destas e os cafés satisfazem a gula das classes média e rasteira do povo daquella capital: um prato de *kibods* é o jantar desta gente, e muitas taças de café os sustentam no resto do dia. Dois homens bem esfaimados não poderiam acabar o nosso prato, que todavia nos custou ainda menos d'um tostão.

Os turcos, por indole graves e sedentarios, não teem precisão de passeios, pelo que raros ha nas visinhanças de Constantinopola: apenas aqui e acolá se encontram kiosques ou pavilhões, e fontes erectas pela piedade dos fieis; ao pé destes sitios veem os musulmanos fumar e tomar café. Chegando a hora da oração, fazem a sua ablução, estendem uma alcatifa no chão, e desempenham o seu dever sagrado. Se alguma vez passeiam é nos cimiterios, que são todos plantados d'arvoredo, e os tumulos cercados de flôres. Destes cimiterios nos abstemos de fallar aqui, por isso que o fizemos a pag. 25 do 1.º vol., onde se achará uma estampa que representa um enterro turco.

PROPRIEDADE EMBRIAGANTE DAS FLORES
DO CANHAMO.

O HACHY é um extracto que embebeda e que se obtem pela distillação dos pistilos das flores do canhamo. É muito usado no Oriente, e parece ser conhecido desde tempos remotos. Kempfer conta nas *Amenitates exoticæ* que os bramanes do Malabar se servem d'um electuario em que entra a poeira, ou pó fecundante daquellas flores, e que provoca extraordinarias illusões. O mesmo auctor e alguns amigos, tomando uma pequena porção, ficaram tão perturbados da razão que toda a noite sonharam andar cavalgando pelos ares, rodeados de brilhantes arcos-iris, e outras quimeras semelhantes. Segundo uma nota mui curiosa de Mr. de Langlés, que M. Michaud inseriu no 1.º vol. da *Historia das Cruzadas*, o principe dos assassinos, mais conhecido pelo nome de *velho da montanha*, servia-se do hachy ou haschitt para exaltar a phantasia dos seus adeptos. Era tão vehemente o extase que muitos, tornando a si, desesperavam por ter recobrado o sizo. A loucura é de ordinario o resultado do uso desta substancia; o viajante inglez Madden, na sua visita ao hospital do Cairo, entre quatorze alienados achou tres por abuso do haschitt.

D. LUIZ DA CUNHA.

TENDO o Panorama n.º 87 apresentado o retrato e biographia de D. Luiz da Cunha, julgámos interessante trancrever neste logar algumas linhas que a seu respeito achámos, lendo as, hoje mui raras, memorias das *Viagens* do celebre diplomata portuguez Francisco Xavier de Oliveira, impressas em Amsterdam em 1741. Eis o que diz Oliveira deste ministro probo a paginas 137 desta sua obra: "A inteireza de D. Luiz da Cunha, juncta á estatura corpulenta, á idade avançada, e á sciencia conhecida, que tem, são attributos mui proprios para o fazerem respeitavel. A sua conversação é gostosissima. A liberdade com que falla em todas as materias é igual á erudição com que as entende, e com que discorre nellas. É o mais nomeado ministro de Portugal, e ainda que no character de plenipotenciario se tenha dado a primasia ao conde de Tarouca, a

respeito do merecimento, da capacidade, e do zelo com que serve a coroa de Portugal dizem todos que iguala ao conde, e ainda que de que o excede ha muitas opiniões. Vive ha mais de quarenta annos em ministerio, tendo residido com grande acceitação nas principaes côrtes da Europa. A ausencia introduziu nelle bem os seus effeitos. Julgo que se não lembra de Portugal mais do que pela obrigação e amor com que serve ao soberano."

Não foi a natureza, nem a fortuna avara com os Portuguezes da gloria do engenho; porque tal poeta como vos deu no Camões; — tal historiador, como em João de Barros; — tal orador, como em Jeronymo Osorio; — tal rhetorico, como em Cypriano; — tal jurista, como em João das Regras; — tal escripturario, como em Oleastro; — tal theologo, como em Egydio; — tal mathematico, como em Pedro Nunes; — tal medico, como em Amato Lusitano; — tal canonista, como em Luiz Corrêa; — tal prégador, como em Antonio Vieira; — tal philosopho, como Balthasar Telles; — tal antiquario, como Resende; — tal tangedor, como Alexandre Moreira; — tal musico, como João Cordeiro; — tal déstro, como Gonçalo Barbosa; — tal compositor, como João Soares; — tal escrivão, como Manuel Barata; — tal pintor, como Manuel Campêlo; — tal engraçado, como Antonio Panasco; — tal comico, como Gil Vicente; — tal nobiliario, como Manuel Delgado de Mattos; — tal embaixador, como Francisco de Souza; — tal ginectario, como D. João Pereira; — tal capitão, como D. Nuno Alves; — tal rei, como D. João o 2.º; — enfim, tal sancto, como Sancto Antonio; — não vimos que junctos a outra nação se dessem. — D. Francisco Manuel. *Hospital das Letras*.

PHILOPEMEN.

O ULTIMO que em Grecia mereceu titulo de valoroso foi este esforçado grego, tão formoso guerreiro, como feio para namorado; porque além de ser mal affeiçoado do rosto, tinha o corpo comprido e mal proporcionado, com que lhe aconteceram algumas graças notaveis, que elle passava com muita urbanidade: entre as quaes me pareceu galantissima uma que refere Teztes; e foi, que sendo elle convidado por certo cavalleiro, natural da cidade de Mégara, e indo-se desacompanhado ao convite, antes da hora que o esperavam, a tempo que seu hospede andava negociando pela cidade algumas cousas de importancia, a mulher, vendo-lhe tão ruim focinho, o teve por algum criado de Philopemen, e como tal lhe perguntou se viria depressa ao convite. A quem o illustre capitão respondeu que já o convidado estava dos muros a dentro, e não poderia ser muita sua tardança: angustiada ella com esta resposta, mandou apressar as iguarias, e pôr lenha no lume, rogando a Philopemen que com um machado lhe ajudasse a partir um madeiro e lh'o puzesse no lume, o que elle fez com tanta curiosidade, que não desistiu do servigo, até que vindo seu hospede, e achando-o em semelhante exercicio, lhe perguntou espantado que era o que fazia: estou [lhe respondeu elle] pagando a pena de meu ruim focinho. — Fr. Bernardo de Brito.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora
dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.